

**A verdade e o nariz  
ou A ficção do sujeito entre corpo e linguagem**

*Nelly Brito*

Lacan, em um célebre escrito<sup>1</sup>, afirma que a fala do paciente é o único meio do qual a psicanálise dispõe. Nesse texto, ele coloca a distinção entre o que chamou de *fala vazia* e *fala plena*. A fala vazia consistiria naquela que marca uma distância entre o sujeito e seu desejo. Já a fala plena implicaria na verbalização da história do sujeito, o que não se emparelha a seu passado factual, mas se refere ao *epos*, isto é, àquilo que da história do sujeito ele dramatiza no discurso.

Pois bem, o que gostaríamos de frisar nessa passagem é a importância que Lacan atribui à *verdade* nela presente. Não estamos falando da probabilidade dos fatos, se aconteceram ou não, mas do modo como eles se articulam no relato do sujeito.

Posteriormente, Lacan abandona a distinção entre fala plena e fala vazia, colocando ambas no mesmo patamar, a partir da equivocidade do significante. A referência à verdade, porém, nunca cessou ao longo de seu ensino.

Lacan enfatiza a necessidade de o analista intervir a partir do interior do mundo simbólico daquele a quem escuta, isto é, de partir do modo único como ele articula os significantes que marcaram sua vida. Afinal, é exatamente ao passo em que fala, que o sujeito dá as coordenadas do que atualiza e tece sua história: a verdade, que "se revela numa estrutura de ficção"<sup>2</sup>.

Se a neurose lida justamente com a articulação entre o simbolizado e o não-simbolizado concernente ao mecanismo do recalque, a psicose tange ao que foi rechaçado e reaparece no real como fenômeno alucinatório ou construção delirante.

Em ambas, as estruturas que encontramos, como afirmava Freud<sup>3</sup>, são tentativas de suturar uma *perda de realidade*.

Aproximamos esse fragmento perdido de realidade a algo que se passa no corpo e que não pode ser alcançado por palavras. Observamos a recorrência disto, por exemplo, no narcisismo e nas teorias sexuais infantis. Seja na fragilidade corporal suplantada por ideias ou nas incríveis hipóteses forjadas a partir das lacunas deixadas acerca da sexualidade, encontramos sempre algo que escapa à significação: eis o corpo como enigma a ser desvendado. Diante dessa lacuna de significação, o sujeito, por ser falante, erige pontos de sutura que se constituirão como a verdade. Daí Lacan colocar a "divisão experimentada no sujeito como divisão entre o saber e a verdade"<sup>4</sup>.

Ressaltamos aqui nossa ideia quanto à centralidade de um não saber sobre o corpo como base para o desejo de saber que visa o reencontro com o objeto perdido da satisfação, a Coisa freudiana (*das Ding*). Mas, no que consiste esse ponto acerca do corpo que, apesar de ser perdido, se repete insistentemente na forma de enigma?

Examinando o texto freudiano, Lacan sublinha que tanto experiências de prazer, quanto de desprazer, perpassam o aumento de tensões no corpo. A diferença estaria no fato de o prazer ser relativo ao escoamento da tensão, enquanto o desprazer se aproxima de seu aumento ininterrupto. Há, em ambos os movimentos, uma busca de satisfação que envolve um excesso pulsional, cuja intensidade circula nos agenciamentos entre o corpo e a palavra. Lacan os reúne sob a noção de *gozo*.

Aproximamos o gozo daquilo que não se sabe sobre o corpo e que advém como efeito da entrada na linguagem, algo às voltas com o que Freud referiu como *das Ding*, a Coisa.

Lacan, em um de seus escritos, deu voz a essa coisa, colocando que, se ela pudesse se expressar, diria: "Eu, a verdade, falo"<sup>5</sup>. Aqui há uma sobreposição da Coisa

freudiana à verdade. Ora, se a Coisa é um objeto mítico do qual só temos a mínima percepção enquanto perda, como pode ela ser encarnada na verdade, a qual tem na fala do sujeito um suporte material?

Se Freud aborda o umbigo dos sonhos como ponto radical de desconhecimento ao qual aproximamos a estrutura de *das Ding*, após uma elaboração cuidadosa acerca desse furo real no simbólico, Lacan isola algo que estaria nos limites de sua borda: o objeto *a*.

Observe-se que, apesar de se aproximarem, a Coisa, descrita por Freud, e o objeto *a*, isolado por Lacan, são conceitos distintos. Enquanto a Coisa está para sempre perdida e jamais será acessível, o objeto *a* se entremeia aos objetos em geral. Como esclarece Brousse<sup>6</sup>, os objetos *a* "vêm no lugar de a Coisa, *das Ding*" e "estão escondidos nos objetos comuns".

Avançando em seu exame do que poderíamos chamar de modo de produção do sujeito na civilização, Lacan aborda as teorias marxistas a propósito das relações de trabalho, as quais se constituiriam a partir de uma perda fundamental: a *mais-valia*. Lacan recolhe esse efeito do capitalismo no *mais-de-gozar*, uma seqüela da entrada na linguagem.

Em outras palavras, essa perda de gozo, que remonta à operação de entrada do sujeito na cultura, equivaleria à renúncia do acesso a uma parte daquilo que se passa no corpo. Como afirma Lacan<sup>7</sup>: "a função do gozo é, essencialmente, uma relação com o corpo, mas essa relação não é qualquer uma. Baseia-se em uma exclusão que é, ao mesmo tempo, uma inclusão". Quanto a essa relação específica de exterioridade simultânea à interioridade, Lacan a recolhe sob o neologismo "extimidade". Com isso, observamos uma lógica específica que depende do inconsciente e permite sistematizar, na teoria, o fato de uma parte do corpo - logo, interna - permanecer incognoscível, já que recalcada - e, portanto, externa.

Pois bem, se Lacan emparelhou a Coisa à verdade, deixando-a falar, propomos que ele o tenha feito com referência a um traço da Coisa, isto é, a faceta de obscuridade que podemos observar no objeto *a*, entendendo-o como exterioridade mais íntima ao sujeito "que faz cócegas por dentro em *das Ding*"<sup>8</sup>. Assim, para além da consistência que possa ganhar, sob a forma de certos objetos, e do lugar aberto às múltiplas significações, que seus possíveis nomes impliquem, o pequeno *a* guarda um ponto radical de enigma, mantendo-se, ao mesmo tempo, inscrito nos registros real, simbólico e imaginário.

Assim, sob a perspectiva que nos interessa nesse trabalho, observamos duas faces possíveis para o pequeno *a*: o vazio que causa o *desejo de saber* e o mais-de-gozar como perda a partir da qual se engendra a *verdade*. A verdade, portanto, se apresenta como algo que surge quando a realidade é perdida e o saber falta, como nas construções do *epos* que o analisante tece enquanto fala.

Desse modo, podemos dizer que o entrecruzamento entre saber e verdade, a partir do ponto de *nonsense* relativo ao corpo, é o que faz do objeto *a* uma espécie de chave, cuja função é dupla e consiste em um paradoxo: abre caminhos para o gozo sem fim do reencontro com a Coisa, mas tranca-lhe o acesso ao demonstrar que ela está perdida.

Blaise Pascal (1623-1662), filósofo e matemático francês, serviu como poucos para que Lacan demonstrasse a oscilação do objeto *a* entre bem valioso e resto a ser jogado fora.

Com a análise de Lacan<sup>9</sup> acerca da "aposta de Pascal"<sup>10</sup>, podemos observar que, a depender dos apostadores, a vida pode se apresentar nessas duas faces do objeto *a*: 1) pode ser elevada ao nível de melhor posse de um sujeito, caso ele deseje desfrutar das alegrias de sua existência mundana; 2) pode ser vista como mera amostra de prazeres, cujo valor é mínimo perto das infindáveis glórias do

paraíso. Pascal, tendo sua engenhosidade guiada por um intenso fervor religioso, foi capaz de arrumar sua aposta em um enunciado tal que era difícil tomar a vida como bem supremo, deixando-a jazer como “um nada” diante das bênçãos divinas da vida eterna.

O mesmo Pascal, em outra ocasião, reduz todo o curso da história humana ao tamanho do nariz de Cleópatra<sup>11</sup>, mostrando a ligação que verdade e gozo têm com o ponto de não saber que atravessa os corpos. Ora, não estaria ele nos dizendo que o destino do sujeito depende do que ele faz com o acaso como os significantes marcam seu corpo, mortificando e também dando vida ao gozo?

Essa relação entre corpo e gozo, tendo em vista esse ponto de não sabido sobre os corpos, segundo o que podemos observar, aponta para o objeto *a*. Afinal, esse conceito lacaniano nos serve de instrumento para pensar a paradoxal existência de uma porção do *corpo que goza*, ligada ao que a psicanálise entende como “sexual”, êxtima ao *organismo do qual se fala*, isto é, ao que pode ser simbolizado.

De acordo com Caldas<sup>12</sup>:

A psicanálise nasceu da problematização do sexual, ampliando a noção de sexualidade de forma a dar conta de todo o bizarro do humano em relação ao uso do seu corpo. A partir dela se passa a poder distinguir o organismo, estudado e compreendido segundo uma bio-lógica, do corpo, que, ao contrário, implica uma fruição que compreende a dor, o sofrimento e o mal em coexistência com o contentamento e o prazer.

Em outras palavras, o conceito de objeto *a* nos permite abordar o que há de real imiscuído, como resto bastardo do corpo, *entre* os nomes e o sexo.

Extraímos do ensino de Lacan um parentesco entre saber, gozo e verdade, o qual é tributário da constituição do sujeito e do delineamento de *a* enquanto lócus de gozo. É justamente enquanto lugar do não sabido sobre o gozo acerca

do corpo do Outro - aquele a quem falta ao menos um significante - que a verdade se instala como a ficção que protege o sujeito do *nonsense* traumático. Mas, como "a verdade, nunca se pode dizê-la a não ser pela metade"<sup>13</sup>, ela também dá margem a outras tentativas de engendrar saberes sobre o corpo, em diferentes formas de discursos.

Nossa aposta é muito diferente da que enuncia Pascal. Não pretendemos forjar um saber que reduza o enigma do sexual a um resto ou, ao contrário, que o eleve à grandeza de um bem supremo.

O discurso do qual partimos nesse trabalho, o do analista, pressupõe que, a partir da posição anônima do objeto que causa o desejo, a verdade do sujeito possa deslocar-se da solidez que fixa seu destino até o ponto de não saber que abre vias para outros posicionamentos frente ao gozo. Se nos aproximamos de Pascal, isso ocorre quanto ao que concerne à Cleópatra, quando ele enfatiza a intensidade dos atravessamentos significantes que incidem e marcam, de modo indefectível, seu destino a partir de um fragmento do corpo.

Atentando para o compromisso ético do analista frente ao sujeito, retornamos ao que Lacan<sup>14</sup> escreve, fazendo a verdade falar:

Vagabundeio pelo que considerais como o menos verdadeiro em essência: pelo sonho, pelo desafio ao sentido da piadinha mais gongórica e pelo *nonsense* do mais grotesco trocadilho, pelo acaso, e não por sua lei, mas por sua contingência, e nunca procedo com maior certeza para mudar a face do mundo do que ao lhe dar o perfil do nariz de Cleópatra.

---

<sup>1</sup> LACAN, J. (1956 [1953]/1998) Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

<sup>2</sup> LACAN, J. (1958 a/1998) Juventude de Gide ou a letra e o desejo. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 752.

- 
- <sup>3</sup> FREUD, S. (1924/2007) A perda da realidade na neurose e na psicose. *Obras Psicológicas de Sigmund Freud: Escrito sobre a Psicologia do Inconsciente*. Rio de Janeiro: Imago, Ed., v. 03.
- <sup>4</sup> LACAN, J. (1966 [1965-66]/1998) A ciência e a verdade. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 870.
- <sup>5</sup> LACAN, J. (1956 [1955]/1998) A coisa freudiana ou o sentido do retorno a Freud em psicanálise. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 410.
- <sup>6</sup> BROUSSE, M-H. (2008) A origem e o lugar dos objetos. *Arquivos da Biblioteca*. n. 05, p. 11-28. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise. , p. 18.
- <sup>7</sup> LACAN, J. (1968-69/2008) *O seminário, livro 16: de um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 112.
- <sup>8</sup> *Ibidem*, p. 227.
- <sup>9</sup> *Ibidem*.
- <sup>10</sup> PASCAL, B. (1973[1670]). Pascal. São Paulo: Abril Cultural, aforismo 233. A aposta de Pascal pode ser resumida da seguinte maneira: Se você acredita em Deus e nas escrituras e estiver certo, será beneficiado com o paraíso; se estiver errado, não perde nada / Se você não acredita em Deus e nas escrituras e estiver certo, não perde nada; se estiver errado, irá para o fogo do inferno.
- <sup>11</sup> *Ibidem*, aforismo 236. Segundo Pascal: "se o nariz de Cleópatra fosse mais curto, teria mudado a face da terra" (no original: "le nez de Cléopâtre, s'il eût été plus court, toute la face de la terre aurait changé").
- <sup>12</sup> CALDAS, H. (2008) Saber fazer com a não-relação. ALBERTI, S. (org.) *A sexualidade na aurora do século XXI*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, p.381.
- <sup>13</sup> LACAN, J. (1969-70/1992) *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p.36.
- <sup>14</sup> LACAN, J. (1956 [1955]/1998). *Op. Cit.*, p. 411.